

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Litoral

Class.: Kaiapó 263

Data: 17/07/94

Pg.: _____

Índios contaminados pelo mercúrio

LÁZARO MORAES

A Associação Vida e Ambiente (AVA), antiga Fundação Mata Virgem, está desenvolvendo o projeto "Mercúrio", junto com técnicos das Universidades Federais de Brasília (UNB), Rio de Janeiro (UFRJ) e Campinas (Unicamp). Os resultados da pesquisa apontam que 100% dos índios kaiapós estão contaminados por mercúrio, metal utilizado na garimpagem do ouro. A pesquisa foi feita nas aldeias Gorotiré e Kikretum, às margens do rio Fresco, no Sul do Pará.

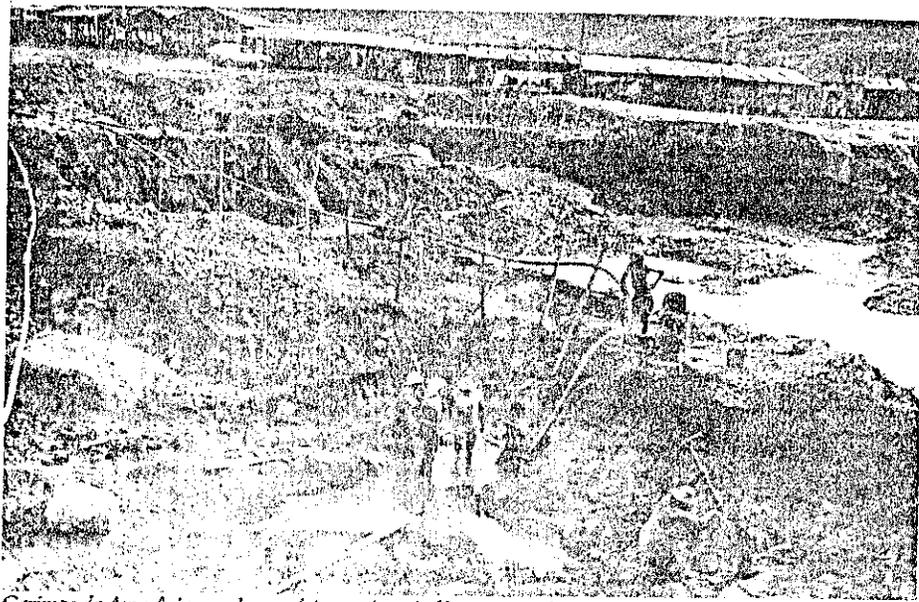
O mercúrio, utilizado para facilitar a garimpagem do ouro, polui a água e contamina os peixes, que são consumidos pela população, causando inúmeras doenças. Os garimpeiros, embora atingidos mais diretamente pela aspiração do vapor do metal durante a queima do ouro, não sofrem tanto quanto os índios, que são contaminados pela ingestão de peixes, base da sua dieta alimentar.

A pesquisa começou a ser desenvolvida em 1991, considerando cerca de 400 pessoas, entre índios e garimpeiros. Segundo o coordenador da pesquisa, o médico geneticista Aguinaldo Gonçalves, foi dosado o mercúrio no sangue, urina e cabelo das pessoas, acompanhado por sistema de controle de qualidade de organismo da Organização Mundial de Saúde (OMS). Os valores mais elevados de mercúrio foram encontrados na população indígena, especialmente entre os idosos, e os mais graves, entre as gestantes.

As pesquisas apontam que 100% dos índios e quase 90% dos garimpeiros foram contaminados, a exemplo do que ocorreu na baía de Minamata, no Japão, quando milhares de pessoas e animais foram intoxicados pela ingestão de peixes envenenados. As pessoas começaram a apresentar dificuldades para andar, coordenar os movimentos e equilibrar-se. Muitas crianças nasceram com paralisia cerebral, adquiridas durante a gestação.

O antropólogo e presidente da AVA, Olímpio Seria, disse que o trabalho ainda não terminou. Falta o levantamento dos impactos do mercúrio sobre as faunas aquática e terrestre. Segundo Olímpio, o processo de extração de ouro foi introduzido pelo próprio governo brasileiro, através de decreto, à revelia da Fundação Nacional do Índio (Funai) e do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). Por essa razão, a AVA entrou com uma representação junto à Procuradoria Geral da República para que a União e as empresas que se beneficiaram da extração do ouro sejam responsabilizadas pelos danos.

Para os técnicos que trabalharam na pesquisa, as alternativas são muito complexas. "O impedimento do extrativismo de ouro ou do uso do mercúrio, seja qual for a alternativa, terá um custo social. Assim, os dados colhidos e quantificados remetem à abordagem da polêmica e perversa da exploração da natureza e da preservação do ambiente na Amazônia", disse o coordenador da pesquisa.



Garimpo da Amazônia: uso de mercúrio, nas áreas indígenas, prejudica mais índios que garimpeiros

Índices

Os técnicos fizeram dosimetrias (medição da intensidade de radiações) de mercúrio em 260 amostras de sangue e em 190 amostras de urina, coletadas de índios kaiapós. O método de análise utilizado foi o de espectrometria de absorção atômica, com vapor frio, que se baseia na redução rápida dos compostos iônicos de mercúrio, aspirado através de monitor. Foram aceitos como valores críticos 10ng/ml para análise de sangue e 20ng/ml para urina.

A análise das amostras de sangue dos índios Gorotiré revelou que 50,5% dos valores observados estão acima do nível crítico e 10,3% estão acima de 50ng/ml. Quanto às amostras de urina, os resultados revelaram que 41,1% dos índios estão contaminados, com 23,4% acima do nível crítico, apesar de apenas quatro estarem acima de 50ng/ml. As grávidas da aldeia Gorotiré apresentaram 33,3% de teores acima do nível crítico para o sangue e 50,0% para a urina.

Na aldeia Kikretum, 88% dos índios estão contaminados por mercúrio. Nas análises de urina, apenas 63,3% dos índios Kikretum apresentaram contaminação, todos com teores considerados elevados, e apenas 3,3% ostentaram níveis acima dos valores críticos.

Entre os garimpeiros, 37,7% estão com o sangue contaminado pelo mercúrio, dos quais 33,18% têm concentrações acima do valor crítico. Os resultados parciais dos exames de urina mostram que 55,6% dos garimpeiros estão contaminados, dos quais 30,5% são do garimpo de Maria Bonita, com teores acima do valor crítico. Ainda não foram concluídas as análises em 332 amostras de cabelo.

Os pesquisadores verificaram que os índios estão com teores mais altos de mercúrio em sangue e urina do que os garimpeiros. Predomina na população indígena o indicativo de contaminação aguda. Os Kikretum apresentam contaminação mais alta que os Gorotiré, por sua localização geográfica: recebem maior carga de poluentes.